INSIGHT

cariquice

publicação trimestral . ano x . n:37 . abr/mai/jun 2013
ISS 1981-6049

"Rio de Janeiro, gosto de quem gosta desse céu, desse mar, dessa gente feliz"

apud antonio maria e ismael neto

um passeio com joaquim

Guia do Rio

publicação trimestral . ano x . n:37 . abr/mai/jun 2013

cariquice

Escalação definida para a transformação de 2014: você é titular e o Itaú é o seu banco.

O Itaú é o banco oficial da Copa do Mundo da FIFA™ porque acredita que o futebol aproxima as pessoas. Com pessoas mais próximas, os sonhos se somam e as possibilidades se multiplicam. E, quando as possibilidades se multiplicam, fica mais fácil receber a maior festa do futebol em casa.

Banco Oficial da Copa do Mundo da FIFA 2014™
e da Seleção Brasileira de Futebol

CBF
BRASIL
AFRICA
Itaú. Feito para você.
Itaú

SUMÁRIO

CARIOQUICE

Nº 37 ABRIL/MAIO/JUNHO DE 2013
ISS 1981-6049

É som, é sal, é mar

6 O poetinha visita o ICCA

10 E no princípio era o Resedá

Cidade Maravilhosa

16 As dicas de Joaquim para Ferreira dos Santos

Magia do Olhar

22 O barquinho vai...

Saga Carioca

34 O riscado de todas as coisas

Do bem comer e melhor beber

44 Doces bárbaros

Causos e Letras

50 A chácara dos sonhos

Embaixador do Rio

56 Pausa para o cafezinho
Por Ruy Barreto

EXPEDIENTE

DIRETOR
Ricardo Cravo Albin

DIRETORA-ASSISTENTE
Maria Eugênia Stein

EDITOR RESPONSÁVEL
Luiz Cesar Faro

EDITORA EXECUTIVA
Vera de Souza

REPÓRTERES
Kelly Nascimento
Mônica Sinelli

DESIGNERS
Marcelo Pires Santana
Paula Barrenne de Artagão

FOTOGRAFIA
Adriana Lorete & Marcelo Carnaval

PRODUÇÃO GRÁFICA
Ruy Saraiva

REVISÃO
Cecilia Mattos Setubal
Denise Scofano Moura

CAPA
Renato Canini

IMPRESSÃO
Walprint

CONSELHEIROS E AMIGOS DE CARIOQUICE

- Afonso Arinos de Mello Franco
- Alfredo Marques Viana
- Ancelmo Gois
- Amaro Enes Viana
- Ana Arruda Callado
- Anna Letycia
- Boni
- Celina Borges Torrealba Carpi
- Chico Caruso
- Cícero Sandroni
- Claudia Fialho
- Darc Costa
- Daniel De Plá
- Eva Mariani
- Francis Hime
- Francisco Horta
- Henrique Luz
- Humberto Eustaquio Mota
- Jaguar
- Jerônimo Moscardo
- Jerson Lima
- João Mauricio de Araújo Pinho
- Joaquim Ferreira dos Santos
- Joel Nascimento (do bandolim)
- Jomar Pereira da Silva
- José Louzeiro
- José Viegas Filho
- Júlio Bueno
- Júlio Lopes
- Lan
- Leonel Kaz
- Lilibeth Monteiro de Carvalho
- Lucy Barreto
- Luís Fernandes
- Luiz Alfredo Salomão
- Luiz Antonio Viana
- Luiz Antonio Guaraná
- Luiz Carlos Barreto
- Luiz Carlos Lacerda (Bigode)
- Luiz Cesar Faro
- Lula Vieira
- Malvina Tuttman
- Marcelo Carnaval
- Marco Antonio Bologna
- Marcílio Marques Moreira
- Marco Polo Moreira Leite
- Marcos Faver
- Maria Beltrão
- Mário Priolli
- Martinho da Vila
- Nelida Piñon
- Neville d'Almeida
- Noca da Portela
- Octávio Melo Alvarenga ✞
- Olívia Hime
- Oscar Niemeyer ✞
- Paulinho da Viola
- Paulo Fernando Marcondes Ferraz
- Paulo Roberto Menezes Direito
- Philip Carruthers
- Raphael de Almeida Magalhães ✞
- Rosiska Darcy de Oliveira
- Ruy Castro
- Ruy Garcia Marques
- Tito Ryff
- Verônica Dantas
- Vivi Nabuco
- Wagner Victer
- Wanderley Guilherme dos Santos
- Zelito Viana
- Ziraldo

REDAÇÃO E PUBLICIDADE
Insight Engenharia de Comunicação & Marketing

RIO DE JANEIRO
Rua do Mercado 11 / 12º andar
Cep 20010-120 · Tel: (21) 2509.5399 · Fax: 2516.1956
email: insight@insightnet.com.br

SÃO PAULO
Rua Bela Cintra 746 / con.71 · Consolação
Cep 04571-090 · Tel/Fax: (11) 3284-6147
email: insightsp@insightnet.com.br

www.insightnet.com.br

Carioquice é uma publicação do
Instituto Cultural Cravo Albin (ICCA)
Av. São Sebastião, 2 Cobertura · Urca
Cep 22291-070 · Rio de Janeiro, RJ · Tel: (21) 2542.0848
email: icca@veloxmail.com.br
www.dicionariompb.com.br

www.carioquice.com.br
Email: carioquice@carioquice.com.br

LODUCCA

A cerveja
é para
o cestinha.

E para o
tampinha.

Só não é para menor de 18 anos.

A Ambev sempre apoiou o consumo responsável e agora ele vai virar nossa marca registrada. E o +ID é o ícone dessa campanha. Onde você enxergar essa marca significa que ali tem um produto ou estabelecimento que exige o documento de identidade na compra de bebidas alcoólicas. Faça a sua parte, mostre sua identidade. Ela é a garantia do cumprimento da lei e de estar agindo com responsabilidade.
Consumo responsável. Essa é a nossa marca registrada.

ambev
Feita por gente e sonhos

BEBIDA ALCOÓLICA É PROIBIDA PARA MENOR DE 18 ANOS.

Os 200 anos de Mauá

Esquina do Ricardo

O Brasil conta nos dedos os homens que fizeram a essência de seu desenvolvimento econômico, de seu empreendedorismo, de seus avanços tecnológicos. A par disso, há que se registrar aqui — e o faço com persistência — a falta de memória coletiva, que não só esquece como joga debaixo do tapete fazeres e haveres que nos seriam indispensáveis levantar e louvar.

Um desses vultos mais notáveis foi Irineu Evangelista de Sousa, o Mauá, que, mimoseado por Dom Pedro II com o título de barão, depois visconde, terá sido daqueles que anteviram e propulsionaram o progresso e o refletir sobre o crescimento do Brasil. Num tempo ainda em que o país engatinhava bisonhamente na escuridão e no atraso econômico e tecnológico.

Pois bem, Mauá, patrono da vetusta Associação Comercial do Rio de Janeiro, nasceu há exatos duzentos anos. Não à toa, a ACRJ, também conhecida como a Casa de Mauá, está celebrando a data com atenções e eventos que ela está a merecer.

Fato curiosíssimo é que, chamado por décadas a fio de Barão de Mauá, a Associação acaba de descobrir que o título de Visconde antecedeu, em importância pontual, o de Barão. Desse modo, para bem marcar a data, no sentido de justiçar-se ainda mais o Barão, passa ele a ser chamado agora de Visconde em todas as cerimônias e mesuras que se lhe façam.

Embora aparentemente irrelevante, a mudança de titulagem marca e acentua uma vasta programação que resgata a memória, os feitos e a importância histórica do nosso Irineu Evangelista. Nem vou aqui detalhar a obra de Mauá, bastando dizer que ele, entre muitas outras coisas, foi quem introduziu no Brasil ainda semicolonial da segunda metade do governo de Pedro II o trem e as estradas de ferro. Isso num tempo em que o país só andava no lombo de burros e cavalos.

Em resumo: o vasto menu de acontecimentos que está sendo executado pela Associação Comercial do Rio sinaliza para ciclos de conferências e mesas-redondas que perfilarão todo este ano de 2013, além de exposição, selos e medalhas comemorativos.

A esse esforço de uma associação civil, sem quaisquer veiculações com estruturas oficiais de governo, proponho que órgãos públicos, além de escolas e universidades, adiram e se somem às homenagens ao Visconde. Para realçar e fazer-se conhecer como um espírito individual e visionário pode mudar o país para melhor.

nbs

OI.COM.BR

AONDE VOCÊ FOR, A OI QUER IR TAMBÉM.

A OI INVESTE SEMPRE PRA ENTREGAR DIVERSAS SOLUÇÕES E UMA COBERTURA MAIOR E MELHOR A CADA DIA.

A OI COMPLETA VOCÊ.

A Oi está investindo mais de 12 bilhões de reais do começo de 2012 até o fim de 2013.

O poetinha visita o ICCA

por Kelly Nascimento

De Vinicius de Moraes já se falou quase tudo. Então, para comemorar o centenário de nascimento de nosso poetinha, o Instituto Cultural Cravo Albin garimpou algumas preciosidades do universo de Vinicius. As preciosidades estão expostas na sede do Instituto, na Urca, na mostra "Vinicius, o Poeta da Paixão", para o público prioritário de estudantes da rede escolar.

O presidente do ICCA, Ricardo Cravo Albin, diz que foi o sentimento de saudade que motivou a homenagem. "Saudade, muita saudade do poetinha. Aliás, eu sempre considerei a palavra 'poetinha' um tanto inapropriada para Vinicius, um poetão, um poetaço", pondera. Para o pesquisador de MPB, justifica-se a implicância, pelo fato de o diminutivo ter sido usado pejorativamente pelo general Costa e Silva quando lhe cassou a carreira de diplomata pelo AI-5.

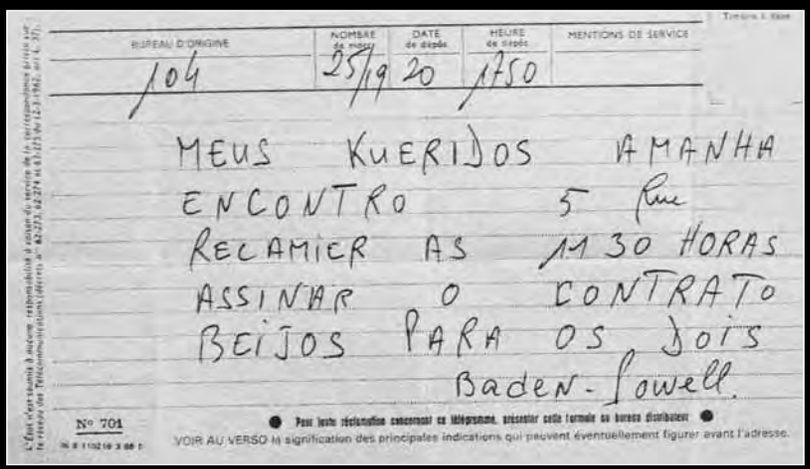
A exposição no ICCA apresenta relíquias desconhecidas do grande público. "É um acervo importante que Gilda Mattoso nos ofereceu", lembra Ricardo. Gilda foi mulher de Vinicius: quando se conheceram, ela era assessora de imprensa do compositor. Acabou tornando-se sua companheira nos dois últimos anos de vida.

"Gilda Mattoso, contudo, foi sua musa derradeira e sua viúva, a quem o Instituto Cultural Cravo Albin agradece alguns preciosos documentos desta mostra", Ricardo faz questão de destacar.

Além de fotos de Vinicius, estão expostos um poema manuscrito do poeta chileno Pablo Neruda, dedicado ao amigo Vinicius, e bilhetes, entre eles um de Baden Powell: "Meus Kueridos, amanhã encontro 5 Rua Récamier às 11 30 horas (para)assinar o contrato. Beijos para os dois."

Baden, parceiro de Vinicius, tem um lugar especial na mostra. Não à toa, a abertura contou com um show do violonista Marcel Powell — filho de Baden —, com participação especial da cantora Carla Powell.

Ricardo Cravo Albin lembra que a pluralidade era uma das marcas de Vinicius. "Além de letrista, era compositor, e dos bons. Existem joias que não



BUREAU D'ORIGINE | NOMBRE de mots | DATE de dépôt | HEURE de dépôt | MENTIONS DE SERVICE

104 | 25/9 | 20 | 1750

MEUS KUERIDOS AMANHA
ENCONTRO 5 Rue
RECAMIER AS 11 30 HORAS
ASSINAR O CONTRATO
BEIJOS PARA OS DOIS
Baden-Powell.

N° 701

VOIR AU VERSO la signification des principales indications qui peuvent éventuellement figurer avant l'adresse.

Além de fotos de Vinicius, estão expostos um poema manuscrito do poeta chileno Pablo Neruda, dedicado ao amigo Vinicius, e bilhetes, entre eles um de Baden Powell

me deixam mentir, como *Serenata do adeus* ou *Medo de amar*, duas canções dotadas de insinuantes melodias", pontua. Ricardo assegura ainda que os filhos de Vinicius (Georgina e Maria; e os primogênitos, Suzana e Pedro) são curadores muito zelosos da obra do pai.

Outra passagem recordada pelo presidente do Instituto é quando o poeta é perseguido na ditadura. "Vinicius, logo depois de cassado pela truculência do AI-5, me disse, em noite de desconsolo no Antonio's, que iria dar um troco na ditadura, fazendo shows para os universitários do Brasil", conta. Daí veio o espetáculo *O poeta, a moça e o violão*. "Representou um farol de luz, beleza e dignidade na noite daqueles anos de chumbo. No anos 1970, pois, enquanto muitos de seus amigos estavam exilados, Vinicius resistia, dardejante, jogando beleza e verdade em suas músicas. Foram essas músicas as canções mais cantadas da década, lado a lado com o samba de Martinho da Vila", lista.

Ricardo lembra também de uma característica marcante de Vinicius: a generosidade. "Nós, seus muitos amigos, éramos frequentes testemunhas de sua generosa delicadeza. Pequeninos gestos de grandeza definiam-lhe a dimensão: dar sempre esmola a um pedinte ou pagar a conta de bar para amigos mais necessitados eram atos corriqueiros no dia a dia do poeta", lembra.

Por essas e outras razões, ele acredita que a importância de Vinicius de Moraes como personagem da música e da poesia brasileira ainda precisa ser avaliada. "A meu ver, ela foi muito maior do que se pensa. Agora, o que não pode mesmo ser medida é a importância do Vinicius, hoje um mito como ser humano."

Essas são algumas facetas de Vinicius que estarão expostas na mostra. Imperdível.

NÃO DEIXE SUA VIDA
POR UM FIO.
NÃO FAÇA GATO.
MAIS DE 400 VÍTIMAS, DESDE 2001.*
*Número de mortes no Brasil. Dados da Abradee.
As ligações irregulares,
além de ilegais, colocam em risco a sua
segurança e a da sua família.
Furto de energia.
Quem perde mais é você.
Fique legal, ligue 0800 282 0120.
Light
HAVAS RIO

e no princípio era o resedá

por João Penido

Quer apostar? Daqui a alguns anos, o Catete vai virar uma nova Lapa em termos de entretenimento. Não acredita? Mas quem poderia imaginar que a Lapa viraria o que virou depois que Mariana e Thiago Cesário Alvim reformaram um casarão de dois andares que antes era um cortiço, na escura e decadente avenida Mem de Sá, e lá abriram o Carioca da Gema, há 13 anos? O sucesso da casa dedicada ao samba e ao chorinho foi tanto que atraiu seguidores, resultando na maior concentração de barzinhos e casas de show por metro quadrado da cidade, e deu início a um rápido processo de revitalização da Lapa.

O caminho para que isso aconteça também no Catete, guardadas as devidas proporções - o Catete é mais residencial, ao contrário da Lapa, basicamente comercial —, já começou a ser pavimentado por dois estabelecimentos. O maior e mais recente deles é o Casarão Ameno Resedá, aberto em março do ano passado. O Cariocando, perto de completar quatro anos, foi o pioneiro. Mas o Ameno é um dos que mais contribuem para a revitalização do Catete. E o melhor, traz consigo um forte viés cultural, estando ligado a vários projetos em gestação no Polo Rio Carioca, uma associação de empresários do bairro que atua também para valorizá-lo culturalmente.

O próprio nome Ameno Resedá, intrigante para quem não está familiarizado com as manifestações musicais do Rio no início do século XX, demonstra a intenção de seus proprietários em promover um *revival* dos gloriosos tempos de efervescência cultural do bairro, de grande centralidade e dinamismo cultural para o Rio.

Ameno Resedá era um rancho cuja sede ficava na rua Correa Dutra, que vai da Praia do Flamengo até a rua Bento Lisboa, onde está o casarão reformado pelo economista Carlos Lessa, de forte viés nacionalista, e seu filho Rodrigo, ele também um economista, mas que largou a profissão para se dedicar à música popular: toca bandolim e é compositor, além de administrar o estabelecimento. A inspiração do nome veio do som "ameno" do rancho e de uma flor, a resedá.

na casa de tia ciata

"No início do século XX, era no Catete que estavam se gestando as ideias mais importantes que vieram a tornar conhecida a cultura brasileira. Em primeiro lugar, a ideia do mestiço urbano, que produz uma cultura que vai ser representativa do país e dar a cara nacional. E também a ideia da integração interclasses, que já acontecia, com os intelectuais indo na casa de Tia Ciata ver o Pixinguinha tocar", diz Rodrigo Lessa.

Tia Ciata, nascida na Bahia, era uma cozinheira e mãe de santo que ficou marcada como uma das principais animadoras da cultura negra nas nascentes favelas cariocas. Em sua casa, onde se reuniam sambistas, foi criado *Pelo telefone*, primeiro samba gravado em disco, assinado por Donga e Mauro de Almeida.

Mas há divergências sobre isso. Sinhô, um dos maiores compositores de samba maxixe, autor de *Jura* e *Gosto que me enrosco*, e que era o mestre de harmonia do Ameno Resedá, brigou com Donga, alegando que *Pelo telefone* foi uma criação coletiva, e que Donga a registrou. O próprio Sinhô se considerava coautor dessa obra.

Naqueles tempos áureos, moravam no Catete os integrantes do Bando da Lua, Cartola, Macha-

do de Assis, José de Alencar e Ciro Monteiro. O bairro era "o point da inteligência, da criação, do poder; era o centro intelectual da alma brasileira", diz Rodrigo.

Talvez o que mais levou os Lessa a escolher o nome Ameno Resedá tenha sido o fato de o rancho ter sido o primeiro a incluir um tema nacional em seu enredo. Anteriormente, os enredos dos ranchos falavam sobre mitologia e assuntos que nada tinham a ver com o Brasil. O desfile de um rancho era como o cortejo de um rei e uma rainha, ao som de uma marcha que vinha

O Ameno Resedá, com capacidade para 172 pessoas sentadas, tem uma programação eclética, atendendo a todos os estilos musicais

Cariocando

Adriana Brant

Ameno Resedá

com muitos instrumentos e ritmo parecido com o samba, mas um pouco mais pausado. Outra característica marcante do Ameno foi o fato de ter introduzido a "Comissão de rancho", precursora da "Comissão de frente" das escolas de samba.

Ameno Resedá não foi o primeiro nome cogitado. O primeiro que surgiu foi *Flor de abacate*, um rancho rival do Ameno que depois virou uma gafieira. Mas os Lessa descobriram que já havia um grupo mineiro com este nome e optaram, então, pelo Ameno.

Renovação

Rodrigo Lessa hesita quando perguntado se o Catete será a próxima Lapa. Pode ser como pode não ser. Mas de uma coisa ele tem certeza:

"O Catete está mudando. Está havendo uma

"O Catete está mudando. Está havendo uma renovação, uma troca de ocupação dos moradores do bairro. Hoje, está vindo gente jovem para cá"

Rodrigo Lessa

Adriana Brant

O Ameno Resedá possui um refinado restaurante, o Brasserie Ameno, que tem à frente o *chef* francês Frederic Monier, que veio da Brasserie Rosário

renovação, uma troca de ocupação dos moradores do bairro. Hoje, está vindo gente jovem para cá. O projeto da Barra, com seus engarrafamentos e dificuldades de transporte, acaba valorizando bairros como Glória e Catete, e até mesmo o Centro, como solução residencial, de ficar próximo ao trabalho. O bairro tem três estações de metrô, três museus, vários hotéis, alguns cinemas, e estão surgindo muitos restaurantes novos de boa qualidade."

O que falta, então, para o Catete "acontecer"? Talvez apenas mais gente como os Lessa e os Pinheiro Guimarães, proprietários da rede de escolas do mesmo nome e do Cariocando, e mais adesões de empresários ao Polo Rio Carioca.

Por falar nele, no momento, estão sendo tocados dois projetos interessantes. O primeiro visa à readequação urbana da Praça Fernando Pessoa, ou Praça do Poeta. A intenção é abrir a praça para o povo e nela colocar uma estátua de Carmem Miranda, já desenhada pela escultora Cristina Mota. O projeto conta com o apoio do advogado Daniel Campelo, que administra os direitos autorais da cantora, já teve várias aprovações na Prefeitura e está na reta final.

O segundo é o "Banquete dos presidentes", de cunho gastronômico. A ideia é que os restaurantes façam uma adaptação do prato favorito de cada presidente que ocupou o Palácio do Catete e os sirvam numa espécie de festival.

O casarão

O casarão da rua Bento Lisboa, 4 levou mais de três anos em reforma. Pertenceu ao português Cruz Fidalgo, que lá tinha uma leiteria, e suspeita-se que tenha sido também uma "casa de saliências", como se dizia antigamente. Inicialmente, Carlos Lessa comprou-o para ser a sede do Instituto dos Economistas, do qual foi presidente, mas outras administrações vieram e a ideia não vingou. O casarão acabou sendo vendido pelo IERJ para um bispo evangélico e veio a

pegar fogo. O bispo foi obrigado pela Prefeitura a reconstruí-lo tal qual era, mas não se interessou. Vendeu-o para o Lessa pessoa física.

O Ameno Resedá, com capacidade para 172 pessoas sentadas, tem uma programação eclética, atendendo a todos os estilos musicais. Por seu palco já passaram artistas como João Bosco, Leila Pinheiro, Luiz Melodia, Yamandu Costa e Elza Soares. Também apresenta espetáculos de dança, bem como musicais. O próprio Rodrigo criou um musical sobre Wilson Batista, em cena até fins de agosto.

A casa, que costuma lotar, possui também um refinado restaurante, o Brasserie Ameno, que tem à frente o chef francês Frederic Monier, que veio da Brasserie Rosário. E exibe quadros da coleção particular de Carlos Lessa. Por isso, Rodrigo a define como uma experiência multissensorial. As feijoadas realizadas no primeiro domingo de cada mês são um *must*. Nelas são lançadas cachaças especiais produzidas no estado do Rio de Janeiro.

o cariocando

Bem pertinho do Ameno, na rua Silveira Martins, fica o Cariocando, num antigo prédio de três andares, o último dos quais é ocupado pelo Hostel República, vizinho ao bar e também de propriedade do professor Armando Pinheiro Guimarães, que divide a administração de suas empresas com os filhos Teresa Cristina, Armando Filho e Fernando Jorge.

A casa de shows, que durante o dia é um restaurante self-service, tem uma decoração peculiar, que constitui um de seus maiores atrativos: o palco tem o formato das teclas de um piano e o bar, de madeira rústica, o de um braço de violão. O piso imita o calçadão de Copacabana.

Nas paredes há painéis do Rio antigo (da coleção Augusto Malta, da Fundação MIS) e de artistas do samba, da bossa nova e da MPB (da coleção Personalidades, também do MIS). E o mezanino, com capacidade para 90 pessoas, reproduz os Arcos da Lapa.

Garções vestidos de malandro carioca, de calça branca e chapéu panamá, servem o público que vai aos shows da casa, cujas mesinhas podem acolher confortavelmente 180 pessoas, com bastante espaço entre elas.

A programação musical, a cargo do produtor Paulo Marinho, é bem definida: segunda-feira é dia de seresta, com músicos de Valença; e terça é dia de bossa nova, com o grupo Carioquice. Nas quartas-feiras, apresenta-se o grupo Batuque Carioca; nas quintas, Eliane Faria, filha de Paulinho da Viola; e nas sextas, Marcia Lima com seu samba de raiz. A casa abre também aos sábados, exceto os últimos de cada mês, reservados para Jorginho do Império.

Outra pecularidade do Cariocando está no cardápio, dividido em Capelas (entradas), Sustenidos (sanduíches com nomes tais como Partido Alto, Samba de enredo e Gafieira), Orquestrados e Arranjos Especiais. Entre estes últimos destacam-se o Bossa Nova (caldo verde com torradas e camarões), o Gonzagão (tiras de lombo com molho surpresa) e o MPB (linguiça acebolada).

Nem só de música vive o Cariocando. Ali já foram realizados quatro casamentos, com direito a juiz de paz e tudo o mais. É famosa a feijoada de todos os sábados, com o chorinho do grupo Chapéu de Palha. Reservas precisam ser feitas com antecedência. Aliás, a casa vem lotando de quarta a sábado. Só dá para ir lá sem reserva às segundas e terças. E isso por enquanto. Até turistas estrangeiros já estão começando a frequentar o Cariocando.

Assim sendo, quem se habilita a abrir a próxima casa de shows no Catete? Aqui vai uma dica: o investimento feito pelos Pinheiro Guimarães no Cariocando se pagou já no segundo ano de existência da casa.

As dicas de Joaquim para Ferreira dos Santos

Joaquim Ferreira dos Santos, conhecido por escrever sobre as doces carioquices que encantam o mundo, revela aqui suas preferências na Cidade Maravilhosa. De pastel a museu, de padaria a roda de samba, o jornalista, nascido no subúrbio de Vila da Penha e hoje morador de Ipanema, conta porque elas o cativam.

Vista

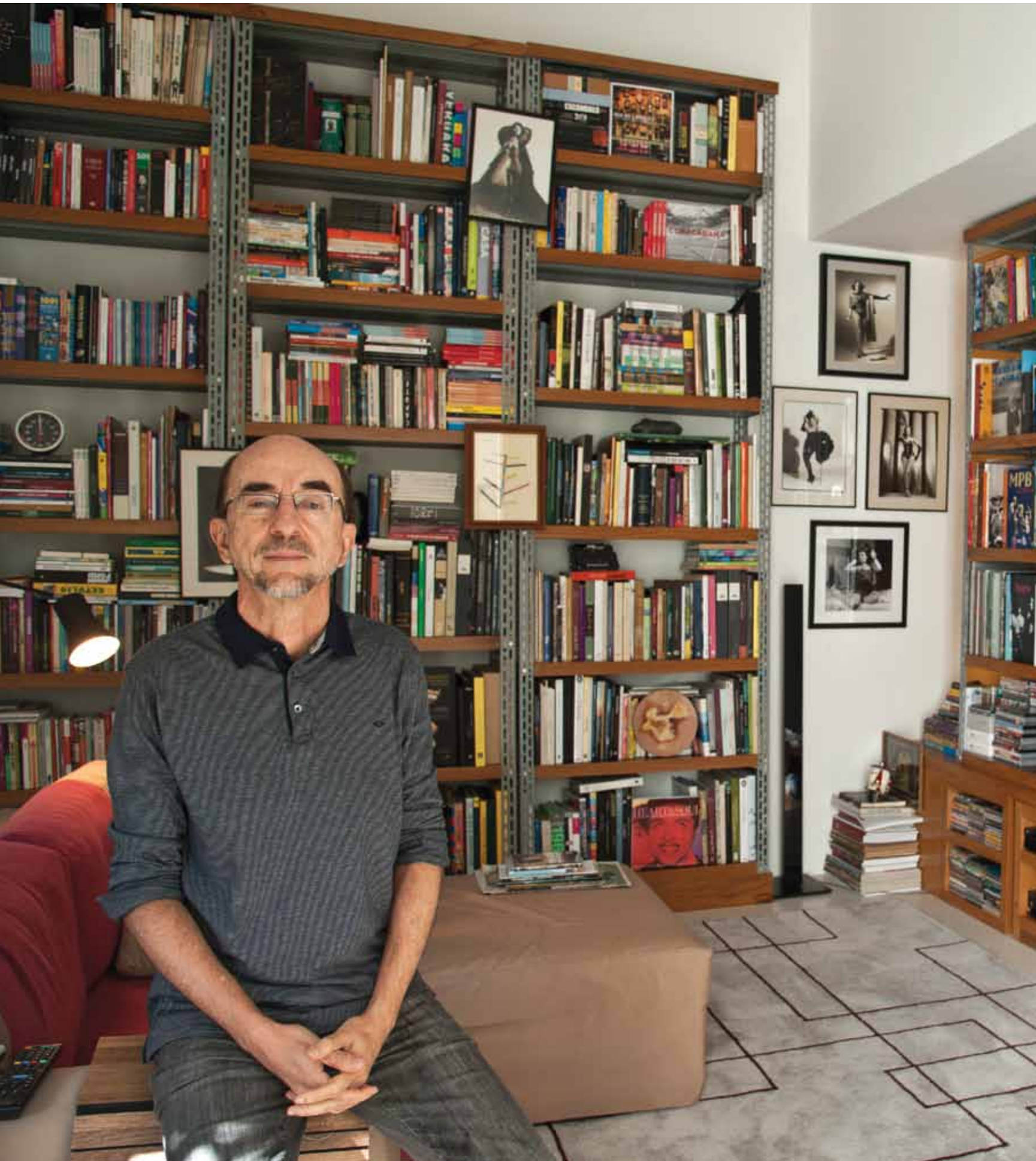
A silhueta dos morros do outro lado da baía de Guanabara, olhando na direção de Niterói. Observando bem, dá para ver as curvas da Sônia Braga, num dos morros mais no sentido de Icaraí.

Filé com fritas

Na churrascaria Plataforma, ouvindo histórias dos garçons sobre os tempos de Tom Jobim.

Personagem

O charmoso colunista Zózimo Barroso do Amaral, falecido em 1997, sobre quem vou escrever um livro.


MPB

Canto do Rio

O muro da Urca, tomando um caldo do bar Urca e, depois, subindo à cobertura do Instituto do Ricardo Cravo Albin, para um café.

Feijoada

Casa da Feijoada, em Ipanema. A variedade de carnes é impressionante, digna de uma ambulância na porta.

Sanduíche

De carne assada, com ou sem abacaxi, do Opus, na rua Gonçalves Dias, no Centro. É um boteco típico do Rio, sem frescura e com gosto de sanduíche tradicional, feito em casa.

Pastel

De carne moída, do bar do Adão, o original, no Grajaú. Tem ovo cozido e tudo. Gosto de comer um só e, depois, atravessar a rua para traçar um joelho no Enchendo Linguiça.

Sorvete

Taperebá, do Mil Frutas. É muito original, tem uma acidez refrescante, que vai bem no verão. No inverno, prefiro o de maracujá com chocolate branco.

Cafezinho

No Capital, da rua Marechal Floriano. É Rio Antigo em estado puro, com um casario de quase dois séculos do outro lado da rua.

Para matar a fome na madrugada

Quando estou com muita pressa para comer e chegar em casa, o sanduíche de filé, queijo e abacaxi do Cervantes, na rua Prado Junior, em Copacabana. Quando mais descansado, vou logo ao lado, no Galeto do Sat´s.

Praia

Em frente à minha rua, a Vinícius de Moraes, em Ipanema. Há um grupo de petequeiros e, um pouco mais à esquerda, o Mangueira, alugando raquetes; a rede de futevôlei da Josy; e a tradicional multidão carioca de mulheres incríveis.

Chope

Adonis, em Benfica, embora no setor eu tenha me interessado, mais ultimamente, pelas cervejas belgas do Delirium, na Barão da Torre, em Ipanema.

Garçom

O Chico, há 45 anos no Bar Luiz, na rua da Carioca. Figuraça, patrimônio da Lapa. Comecei a frequentar o bar em 1971, e ele já estava lá, servindo a mim, Benício Medeiros e Maurício Dias, três jornalistas em início de carreira, o mesmo prato de lentilha garni.

Parque/Praça

Baixo Lagoa, na saída do Túnel Rebouças, aonde vou com meu neto, senhor Eduardo, de um ano. Tem um escorrega de primeira.

Cinema

Estação Ipanema, porque é perto de casa. Faço sempre um lanche, antes ou depois, no Fontes, o restaurante de comida natural que fica na galeria do cinema.

Teatro

O que estiver levando alguma peça com a atriz Dedina Bernardelli.

Livraria

As da rede Travessa, que inventou um novo conceito no gênero, um centro de encontro, onde os livros deixaram de assustar as pessoas.

Museu

Museu de Arte do Rio (MAR), na praça Mauá – um conceito novo de exposição, integrando todas as salas e valorizando a cidade.

Centro cultural

A minha biblioteca, com 500 exemplares de livros de crônica.

Para dançar

Baile funk no morro Dona Marta.

Roda de samba

As do Leandro Sapucahy.

Feira

Da Frei Leandro, no Jardim Botânico.

Floricultura

O perfume da dama da noite na rua Maria Angélica, também no Jardim Botânico.

Bairro

O Horto ainda conserva a mesma cara de muitos anos. Os bairros do Rio, por causa do metrô, dos prédios novos, do trânsito pesado e das multidões, estão ficando todos com o mesmo

Padaria

O Talho Capixaba tem uma variedade muito grande de pães. Gosto, especialmente, do de azeitona. O de leite, com queijo e peito de peru, para um café às cinco da tarde, bate um bolão.

jeito. O Catete está subindo Laranjeiras, da mesma maneira que Ipanema, entre a praça Nossa Senhora da Paz e a rua Vinicius de Moraes, é igualzinha a Copacabana.

Rua

Ladeira João Homem, no morro da Conceição.

Fachada de edifício

As varandas arredondadas do Biarritz.

Melhor lugar para enfrentar engarrafamento

A avenida Atlântica, na faixa da praia, é ótima, porque tem o visual do mar e uma fauna de tipos bem superior à de Ipanema.

O barquinho vai...

ensaio fotográfico de

MARCELO CARNAVAL

THORFINN

THORESS

SOU FELIZ

O riscado de todas as coisas

por João Penido

Se hoje você pode ir a um dos mais belos centros culturais do Rio, agradeça ao gestor Aloísio Magalhães. Se não fosse por ele, o casarão colonial do século XVIII que abriga o Paço Imperial ainda seria a sede dos Correios, que após a Proclamação da República passou a ocupar a antiga Casa dos Governadores, depois Paço dos Vice-Reis e Paço Real.

Aloísio achava que o Paço não podia ser outra coisa senão um espaço dedicado à cultura e ficou à frente das negociações para sua transferência ao então Ministério da Educação e Cultura (MEC), onde ocupava o cargo de secretário de Cultura. O Paço foi reinaugurado como espaço cultural em 1987, após passar por restauração iniciada em 1982, ano em que Aloísio morreu.

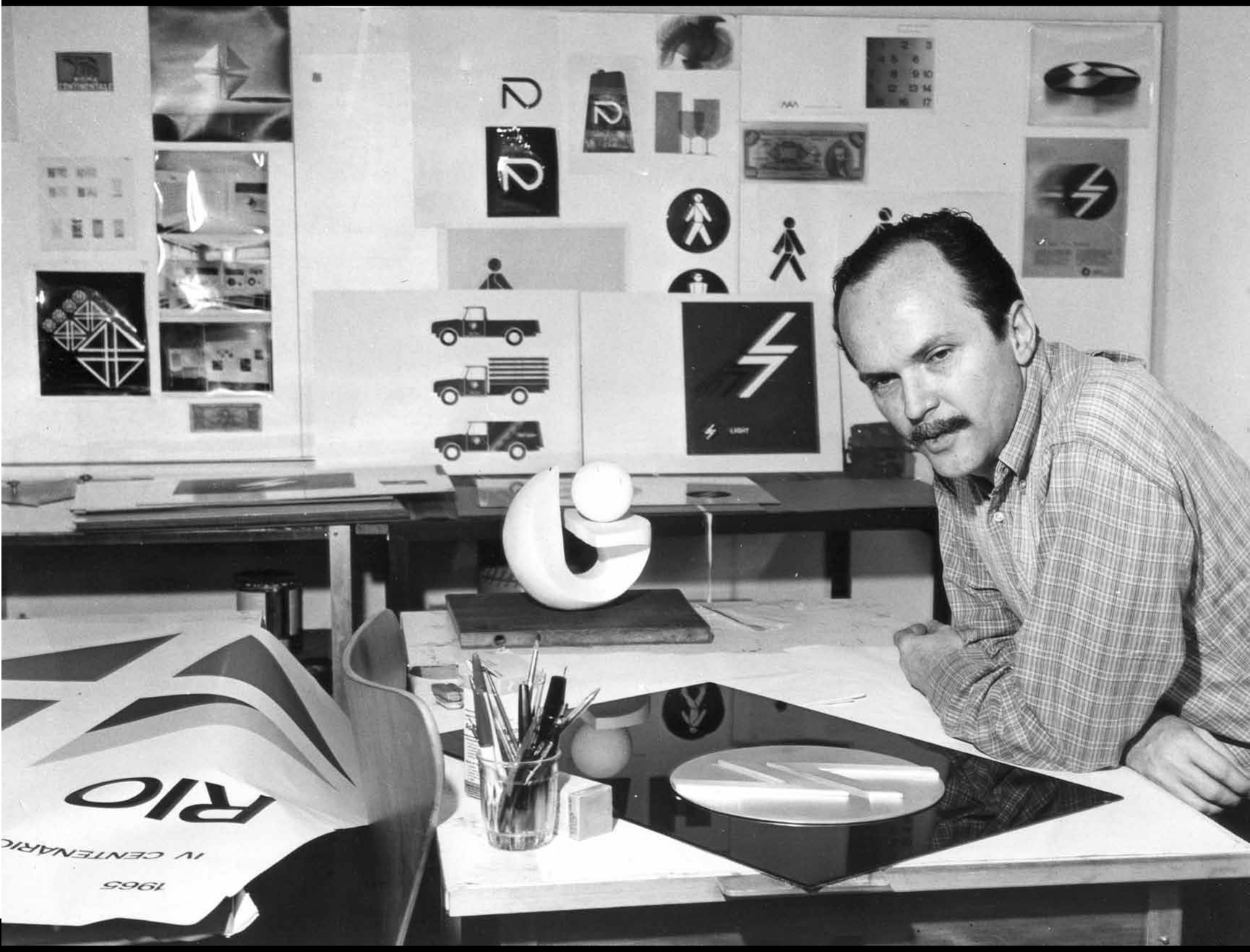
Os cariocas devem também ao designer Aloísio, entre outras personalidades, a criação, em 1963, da Escola Superior de Desenho Industrial (ESDI), a primeira do gênero no país e da qual foi fundador e professor. Foi ele quem criou, em 1964, o símbolo do 4º Centenário do Rio, seu primeiro trabalho de grande repercussão pública. Além disso, dezenas de empresas aqui sediadas, como Petrobras e Light, devem a ele suas excelentes logomarcas.

O Brasil, então, nem se fala. Deve a ele, que foi diretor do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (Iphan) e secretário de Cultura do MEC, sua mais consistente política cultural, calcada em duas vertentes. A primeira, patrimonial, dedicada à preservação não só do patrimônio material, mas também do imaterial. O samba e a cachaça, por exemplo, são patrimônios imateriais, e Aloísio foi um dos primeiros a trabalhar com esse conceito. A segunda vertente era voltada para a produção cultural propriamente dita.

O gestor cultural

Aloísio conseguiu reunir todos os órgãos do MEC ligados à cultura, como a Biblioteca Nacional, a Funarte e a Coordenação das Cidades Históricas numa só secretaria, que se tornou o embrião do futuro Ministério da Cultura. Essa secretaria (de Cultura) absorveu outras duas, que passaram depois a ser subsecretarias: a Secretaria do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, em que se transformara o Iphan, e a Secretaria de Assuntos

“Design pra mim é aplicar todo o instrumental de uma linguagem advinda das formas de criatividade visual num processo de interesse coletivo”



Em seu primeiro escritório de design na cidade e um dos primeiros do Brasil, que ficava na Ladeira Ary Barroso, no Leme

Culturais (Seac), que já tinha a Funarte, criada no governo anterior, o de Geisel.

Para integrar a Secretaria do Patrimônio, Aloísio conseguiu criar, no fim de 1980, a Fundação Pró-Memória. Criar fundações foi o artifício usado na época para se ter melhores salários (permitia a contratação de técnicos especializados pelo regime da CLT) e uma maior agilidade operacional. Além de ocupar a Secretaria de Cultura, Aloísio presidia a Funarte e a Pró-Memória. Foi o cabeça do sistema e cuidou da parte operacional.

Aloísio, porém, era contrário à criação de um ministério específico para a cultura. Dizia que mais vale uma secretaria forte do que um ministério fraco. Infelizmente, não foi ouvido. Depois de sua passagem pelo MEC, no governo Figueiredo, o último do regime militar, os alicerces que ergueu acabaram se enfraquecendo com o advento da "Nova República" e a criação, no governo Sarney, do Ministério da Cultura, dado como prêmio de consolação a José Aparecido de Oliveira. E ruíram de vez com o governo Collor.

Ressentido com a área cultural por não ter apoiado sua candidatura — pelo contrário, fez

"Vivi o que Gilberto Freyre mais de uma vez apontou: 'no Nordeste, quem se chega ao povo está entre mestres e se torna aprendiz'"

Aloísio aos 8 anos

"O artista deve pertencer a seu tempo, deve se associar ao seu lugar, da vivência mais localizada é possível extrair questões universais"

Com seu teatro de marionetes

forte oposição a ela — Collor foi quem jogou a pá de cal, acabando com as fundações. Hoje, a área cultural mais parece uma sessão da Secretaria da Receita Federal, sobrevivendo com deduções do Imposto de Renda.

É claro que Aloísio não poderia redesenhar o MEC e estabelecer a última política pública articulada para a área de cultura no Brasil sem o apoio político que nunca lhe faltou. O processo de criação da Secretaria de Cultura teve como principal articulador o ministro Golbery do Couto e Silva, então chefe da Casa Civil, e contou também com o apoio dos ministros Delfim Netto, do Planejamento, e Eduardo Portella, da Cultura, aquele que ficou muito conhecido por ter dito "Eu não sou ministro, eu estou ministro", frase na qual pode-se vislumbrar um seguidor do psicanalista francês Jacques Lacan.

UM SER MÚLTIPLO

Aloísio era um ser múltiplo. Além de gestor cultural e designer, foi pintor, gravador e trabalhou como cenógrafo e figurinista nos grupos Teatro do Estudante de Pernambuco (TEP) e Teatro Amador de Pernambuco (TAP). Isso nos tempos em que estudava na Universidade Federal de Pernambuco, onde viria a se formar em Direito, em 1950. Posteriormente, lecionou cenografia na Faculdade de Belas Artes da Universidade do Recife.

Estudar direito foi uma exigência de seu pai, que era sanitarista. A família Magalhães é uma das mais tradicionais de Pernambuco, com forte presença na política. Um tio de Aloísio, Agamenon Magalhães, foi governador do estado. Um primo dele, Roberto Magalhães, foi prefeito de Recife. A família Magalhães vinha de Serra Talhada, mas Aloísio já nasceu em Recife. Era o caçula de quatro filhos, todos homens, que seguiram carreiras tradicionais: um formou-se em medicina, outro em engenharia e outro em arquitetura.

"Meu pai adorava festas. Tocava violão e cantava. Cantava muito Paulo Vanzolini e Adoniran Barbosa. Adorava também teatro de marionetes. Construiu um de papel machê lá em casa, e trazia bonecas da Europa"

Clarice Magalhães, filha de Aloísio

Entre 1951 e 1953, com bolsa do governo francês, Aloísio estudou museologia na Escola do Louvre, em Paris, onde também frequentou o Atelier 17, do inglês Stanley Hayter, que era um centro de divulgação de técnicas de gravura. Quando voltou a Recife, Aloísio integrou o Gráfico Amador, que reunia desenvolvedores de projetos tipográficos e foi uma experiência de referência gráfica no Brasil, tendo publicado uma série de livros, inclusive o Anik Bobó, uma série de desenhos ilustrados por um poema de João Cabral de Melo Neto.

Graças a outra bolsa, desta vez concedida pelo governo americano, foi para a Filadélfia em 1956, onde fez uma exposição e trabalhou com o tipógrafo Eugene Feldman, de quem ficou muito amigo, na The Falcon Press, inteirando-se com offset e padronagens. Ali também lecionou como professor visitante na Philadelphia Museum School of Art.

"Foi na Filadélfia que Aloísio se envolveu com a questão do design, que no Brasil praticamente ainda não existia. Na volta (em 1960), ele resolveu vir morar no Rio e abrir aqui o primeiro escritório de design da cidade e um dos primeiros do Brasil (o Magalhães, Noronha e Pontual), que ficava em nossa casa, no alto da Ladeira Ary Barroso, no Leme", conta sua filha Clarice Magalhães, que herdou do pai o gosto pela cultura — é produtora cultural.

O escritório cresceu tanto que não pode continuar na casa de Aloísio. Ele o mudou para a rua Mena Barreto, em Botafogo, onde passou a se chamar PVDI-Programação Visual e Desenho Industrial. Nele trabalhavam cerca de 50 pessoas.

Boêmio, bon-vivant e sedutor

Aloísio foi um sujeito apaixonado pela vida. Boa pinta, como se dizia na época, era seresteiro, tocava violão e cantava. Gostava de reunir os

Aloísio em Veneza, em 1982, pouco antes de morrer

Aventura paradoxal no design

"Aloísio é um designer modernista, fora da curva. A criação de seu escritório ocorreu em 1960, num momento em que o design praticado em muitos países e no Brasil é regido pela ideia da geometria, da racionalidade, que se traduz numa visão quase concretista das coisas. Mas ele não vinha dessa vertente", conta João de Souza Leite, organizador e um dos autores do livro *A Herança do Olhar, o design de Aloísio Magalhães*, obra de referência sobre ele.

De acordo com João, a trajetória de Aloísio como artista plástico era completamente diferente. "Ele fazia coisas mais próximas de um expressionismo abstrato do que de algo racionalista e geometrizante que caracterizava o concretismo. Por isso, digo que ele é uma aventura paradoxal no design brasileiro."

Como exemplo, João cita o símbolo da Docenave, "que é cheio de curvas diferentes, não é uma curva regular. Nasce de um desenho e depois é que é construído". E também o símbolo da Bienal de São Paulo, "um objeto tridimensional que ele literalmente esculpe em uma esfera de gesso, ao passo em que os designers da época trabalhavam sempre a partir de figuras regulares da geometria, de quadrados e triângulos regulares. Aloísio, não. Ele tinha o gestual e depois tratava de resolver aquilo tecnicamente, tinha que construir o desenho".

"Aloísio fez do design um instrumento de pensamento – ele dizia sempre 'sou um projetivo' – no qual a atenção maior era dada ao objeto do seu projeto, não ao design", conta João.

Outro designer, o paulista Eduardo Ferreira, tem um trabalho interessante no qual analisa cinco entre as centenas de projetos em que Aloísio se envolveu: 4º Centenário do Rio (1964), Unibanco, (1965), Light (1966), Petrobras (1970) e o projeto do cruzeiro novo (1966).

A seguir, um pequeno resumo do que Ferreira ali diz.

Símbolo do IV Centenário. De uma simplicidade formal ímpar, o projeto constitui-se de dois momentos de leitura: o primeiro forma-se pelo espelhamento vertical e horizontal do numeral 4, formando algo próximo a uma cruz, fazendo ligação, assim, com a Cruz de Malta (legado português das grandes navegações). Dentro das leis da Gestalt, temos o fechamento, quando a forma pode ser lida na ausência da mesma, em contraforma. Se observarmos o espaço negativo formado entre os triângulos desse símbolo, encontramos um grande 4, sendo esse o 5º "quatro" do logo.

Logo do Unibanco. A complexidade de formas que deu ao logo do Unibanco me lembra de quando entrevistei João de Souza Leite, e ele me disse que o grande diferencial de Aloísio em relação aos demais designers da época (em especial, aqueles do movimento concreto do design, como Wollner) é que Aloísio solucionava seus projetos no traço, e os aspectos geométricos eram a viabilização visual e técnica da solução encontrada via traço.

Logo da Light. Antes de seu redesenho, a Light contava com um pequeno raio como logotipo. No projeto, Aloísio soube com maestria manter tal elemento, já conhecido da população do estado do Rio, e trazê-lo à linguagem digna de seu tempo. Mantendo a mesma linguagem de espelhamento, usou da letra "L" para, ao rebatê-la verticalmente, criar a silhueta de um novo raio. Inclinando o desenho, forneceu dinâmica à peça, criando certamente um dos melhores logos que o Brasil já viu. O projeto atualmente foi levemente redesenhado, com o afinamento das pontas superiores e inferiores de ambos os "L", sem, entretanto, perder o conceito original de Aloísio.

amigos em casa. Bebia uísque. Seu preferido era o Ballantines. E fumava, que ninguém é de ferro.

— Meu pai adorava festas. Tocava violão e cantava. Cantava muito Paulo Vanzolini e Adoniram Barbosa. Adorava também teatro de marionetes. Construiu um de papel machê lá em casa, e trazia bonecas da Europa. Era extremamente boêmio, adorava sair para os bares — recorda Clarice.

Ela se lembra ainda de ter ido com o pai ao Bar Luiz, ao Bar Brasil, ao Capela e outros restaurantes.

— Ele adorava ir ao Cosmopolita, na Lapa, comer um filé à Osvaldo Aranha. Frequentava também cantinas do Leme, como a Fiorentina e a Sorrento. E também bares de Ipanema, como o Zeppelin. Ele era muito amigo do Albino Pinheiro, que é padrinho de minha irmã, e adorava a Banda de Ipanema.

Por falar em Albino Pinheiro, o designer João de Souza Leite, que trabalhou com Aloísio por 17 anos, a quem tinha como um segundo pai e que até hoje é amigo de sua família, lembra-se de um episódio pitoresco.

— Na passagem de 1968 para 1969, o Albino Pinheiro promoveu um réveillon na Praça 11, com todo mundo fantasiado. Eu vinha de São Paulo e fui para lá. Encontrei o Aloísio vestido de vendedor de sorvete da Kibon, com isopor e tudo — conta.

João de Souza Leite é categórico:

— O Aloísio era um sujeito absolutamente encantador, charming. Era muito inteligente, muito sagaz. E inventava umas formulações que viravam palavras de ordem no momento. Por exemplo, ele usava a ideia do estilingue. Para projetar a cultura brasileira para a frente, seria preciso uma ação voltada para o passado, tal qual o estilingue: quanto mais se retesa o elástico, mais longe e mais direcionado se lança a pedra.

Ele destaca também o fato de Aloísio ter sido um homem de ação.

Logo da Petrobras. Igualmente icônica na história do design é a identidade visual da Petrobras, certamente uma das maiores e mais complexas de sua época. O logotipo anterior da Petrobras se constituía de um losango amarelo com o nome da empresa dentro (em verde). Um levantamento mostrou que as mais variadas empresas, entre elas Gillete, Goodyear e Kibon, faziam uso do losango como elemento principal. Concluiu-se que o elemento losangular não era suficiente para identificar o país em um logotipo. Assumiu-se, então, as linguagens cromática e verbal. BR encontra-se tanto em Brasil quanto em Petrobras e é a sigla comumente usada para identificar o país de maneira abreviada.

Projeto do cruzeiro novo. Selecionado em concurso público, o projeto de Aloísio rendeu e ainda rende elogios enormes pela sua inovação. Para evitar falsificações, Aloísio fez uso de um efeito chamado moiré – um desalinhamento reticular que gera um efeito óptico de difícil reprodução. Foi uma inovação numa área praticamente milenar, a de produção de papel-moeda. Ao participar do segundo redesenho da família de notas, Aloísio inovou funcionalmente no uso do dinheiro. Percebendo o grande empecilho que é o dinheiro possuir lado de cima e lado de baixo, dificultando muitas vezes o reconhecimento do valor ou sua ordenação, Aloísio fez com que as notas possuíssem o mesmo espelhamento que caracterizava outros de seus projetos anteriores. A partir desse momento, as notas deixam de ter lado superior ou inferior, não importando a maneira como são colocadas na carteira ou junto das demais.

— O Aloísio era um sujeito de ação, não era um intelectual de ficar produzindo textos. Não escrevia, era da oralidade. Era uma esponja, um sujeito que captava ideias e as elaborava de maneira própria.

a morte em Pádua

Coube a João de Souza Leite a triste tarefa de ir a Pádua, na Itália, resgatar o corpo de Aloísio Magalhães. A seguir, entre aspas, seu relato do episódio.

"Em 1982, na madrugada de 11 para 12 de junho, lembro bem porque era meu aniversário, o Aloísio teve um *stroke*. A pressão dele foi a 30. O Irapuan me liga e fala: Aconteceu uma coisa grave com o Aloísio. Ele está muito mail, em Pádua, perto de Veneza, que tem um grande centro médico. Vai para a casa da Solange (mulher de Aloísio). O Eduardo (Portella) já tinha saído do Ministério. O ministro era o general Rubens Ludwig. Ele disse que alguém do ministério tinha de ir lá. Ou a Solange. Os médicos de lá diziam que

não havia solução. A Solange quis ficar com as meninas. Eu era do Ministério e amigo da família. Foi um sábado. Abriram o Itamaraty para eu tirar um passaporte de trabalho, oficial, o vermelho. Peguei o avião no mesmo dia, e quando cheguei lá, no dia 13, ele já havia morrido.

O Aloísio tinha ido a Veneza participar de um encontro de ministros de cultura de língua latina. Foi representando o Ludwig. Ele assumiu a presidência do encontro. Houve um *brake* e ele foi ao banheiro. Um amigo nosso, o Sílvio Mutal, que era diretor do PNUD na América Latina, estava no banheiro e viu o Aloísio na pia, fazendo um barulho tenebroso. Era o momento em que ele estava tendo o AVC. Não teve jeito. Ele explodiu. Foi uma coisa barra pesada.

Aloísio iria fazer duas viagens em seguida. Uma à Cracóvia, para ver uns desenhos de flora e fauna que haviam sido feitos no Nordeste do Brasil por artistas alemães durante a ocupação holandesa, um material fantástico que havia sido descoberto em 1977. E ia a Paris, para uma reunião do Conselho do Patrimônio da Humanidade da Unesco. Ele tinha feito um álbum de litografias das ruas de Olinda para defender a candidatura da cidade patrimônio da humanidade. Levei o álbum para lá e a candidatura acabou sendo aprovada." Aloísio iria completar 55 anos.

Uma das litografias das ruas de Olinda feitas para defender a candidatura da cidade como patrimônio da humanidade

A cachaça que é uma verdadeira obra de arte.
O Sr. Guilherme Müller Filho, carinhosamente conhecido como Seu Ézio, fez da arte de destilar seu maior prazer e transformou a marca 51 na mais reconhecida cachaça do mundo. Dono de um paladar apurado, desenvolveu uma cachaça 100% envelhecida em barris de carvalho, perfeita em sabor, equilíbrio e cor, para fazer parte de seu acervo pessoal. Assim nasceu a Reserva 51, uma verdadeira obra de arte que se manteve em segredo por muitos anos e que agora, depois do falecimento de seu criador, chega ao mercado em tiragem limitada. Prepare-se para degustar com todos os sentidos cada detalhe desta obra-prima.
BEBA COM MODERAÇÃO
BRASIL
51
RESERVA
51
CACHAÇA EXTRA PREMIUM
100% Envelhecida em
Barris de Carvalho
700ml
Indústria Brasileira
www.reserva51.com.br

Doces bárbaros

por **vera de souza**

Prediletos dos brasileiros, os doces açucarados fazem parte, há muito, da cultura local. Gilberto Freyre chegou a destacar em seu livro *Assucar* que sem esse ingrediente seria impossível entender as origens e tradições históricas do país. Confirmando os costumes, em março de 1860, um verdadeiro templo dedicado a doçaria foi inaugurado na esquina da rua Sete de Setembro com Uruguaiana, a Confeitaria Cavé, a mais antiga do Rio de Janeiro, que continua sendo sucesso até hoje.

CAVÉ
CAVÉ SALA DE CHÁ CAVÉ

Embora tenha sido fundada por um francês, Auguste Charles Felix Cavé, a especialidade da casa sempre foi a de doces portugueses. E são estes, preparados com muitas gemas e açúcar, que se destacam nas vitrines da loja, hoje. Dos pastéis de Nata/Belém (doces folhados feitos com creme especial de ovos e natas em formato de empadinha, que se comem quentes, polvilhados com canela), passando pelos Toucinhos do Céu (de amêndoas), o Dom Rodrigo (fios de ovos e canela) até os pastéis de Santa Clara, a variedade é imensa.

Auguste Cavé, que esteve à frente da casa até 1922, talvez não tenha imaginado como o local acabaria por se confundir com a história da cidade, tendo tido entre seus ilustres habitués o prefeito Pereira Passos. Fato é que ele montou uma confeitaria com uma bela arquitetura de estilo eclético, decorada com lustres, vitrais e um painel em azulejos que retrata a Torre de Belém, cidade-natal dos famosos pasteis. O piso em cerâmica hidráulica, o mobiliário e os lenços portugueses que enfeitam as paredes dão o

toque final na ambientação. A Cavé hoje tem dois endereços: rua Sete de Setembro, 137 e rua Uruguaiana,11. Este último passou a existir em 2000, quando a confeitaria se mudou do seu endereço original, um lindo prédio art nouveau, onde funcionou por 140 anos. Em 2007, a casa passou por uma expansão e inaugurou uma loja na rua Uruguaiana, com o mesmo charme e fartura de doces.

Da cozinha portuguesa, origem também dos sócios à frente do negócio há mais de dez anos, saem cerca de 40 tipos de doces e 23 tipos de biscoitos que fazem a fama da casa. Entrar nesse verdadeiro templo dedicado a doçaria é um verdadeiro sonho. Nas vitrines, verdadeiras delicadezas açucaradas. No balcão, que fica num estreito corredor, uma imensa variedade de doces e também salgados, como os pastéis de carne, que saem a toda hora, crocantes bolinhos de bacalhau e uma pizza de sardinha que traz à memória a infância. Mas não para aí. Para quem consegue atravessar incólume todo o corredor, reserva-se ao fundo um acolhedor salão de chá.

Da cozinha portuguesa, origem também dos sócios à frente do negócio há mais de dez anos, saem cerca de 40 tipos de doces e 23 tipos de biscoitos que fazem a fama da casa

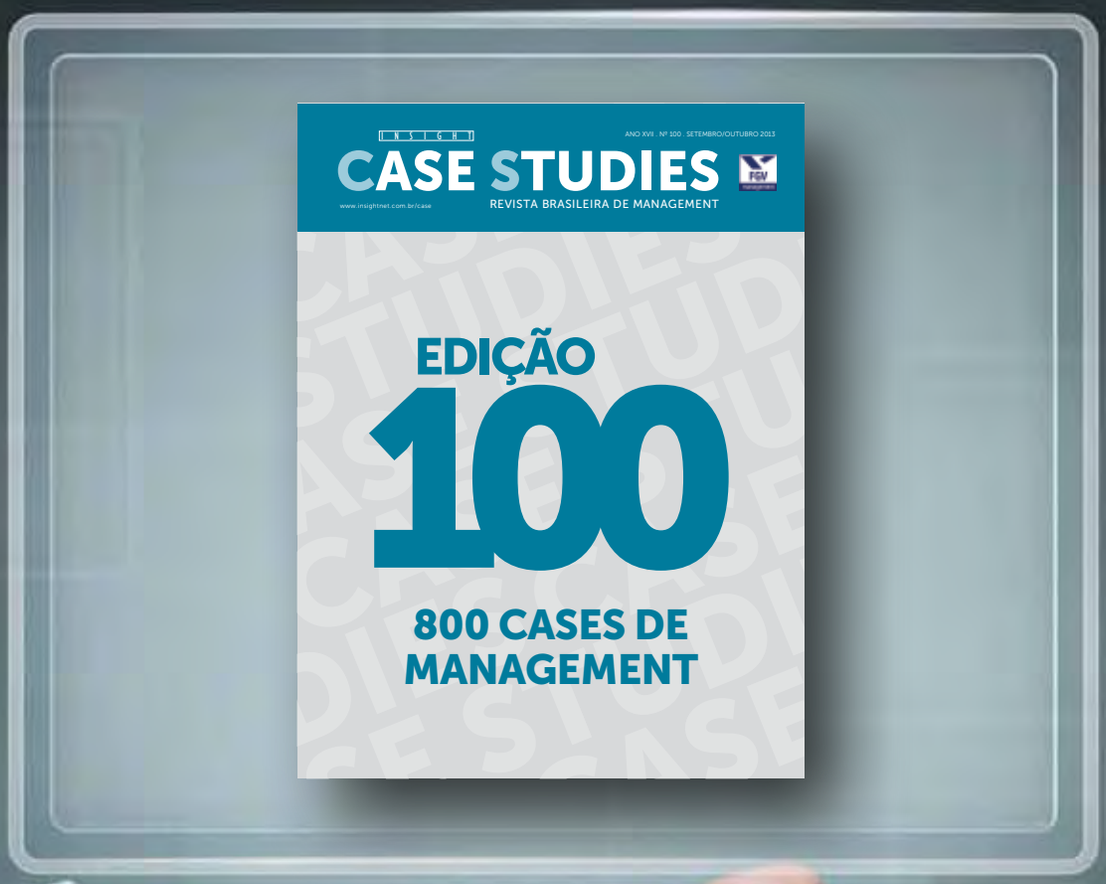
É como voltar no tempo, quando Olavo Bilac, Rui Barbosa e o barão do Rio Branco eram frenquentadores assíduos. A Cavé, que também foi ponto de encontro de Carlos Drummond de Andrade, Mário Lago e Nélson Rodrigues, continua sendo um sucesso. Aliás, sucesso este que foi reconhecido em 2011, quando recebeu o prêmio da Câmara Portuguesa de Comércio e Indústria do Rio, por produzir o melhor Bolo Rei da cidade.

Uma honraria, sem dúvida. Para quem não conhece, há registros de dois mil anos da receita do Bolo Rei, que é consumido em Portugal entre o Natal e o Dia de Reis, simbolizando o presente dado ao Menino Jesus pelos Reis Magos. A forma de coroa e a casca dourada representam o ouro; o miolo, com suas frutas cristalizadas, grãos e especiarias, remetem à mirra. O aroma desse acepipe seria o incenso. Dentro há uma fava e, segundo a tradição, tirar a fatia com a fava representa sorte, mas também o compromisso de pagar o Bolo Rei no ano seguinte.

Nestes dias mais amenos, um chá acompanhado por uma dessas tantas guloseimas é programa mais do que bem-vindo.

A Cavé, que também foi ponto de encontro de Carlos Drummond de Andrade, Mário Lago e Nélson Rodrigues, continua sendo um sucesso

CHEGOU A VEZ DE NOSSO PRÓPRIO CASE.



A **Case Studies – Revista Brasileira de Management** chegará à sua centésima edição no bimestre setembro/outubro deste ano.

A publicação, produzida pela Insight Comunicação em parceria com a FGV Management, reúne um banco com 800 cases de gestão em várias áreas, além dos depoimentos de quase 80 empresários e executivos: os Personal Cases.

Para comemorar este marco, será produzida uma edição especial. A **Case Studies 100** terá uma seleção dos 10 Top Cases publicados nesta trajetória e cujas empresas serão homenageadas em uma cerimônia de premiação.

Também irá oferecer uma sondagem sobre os desafios e tendências do *management* no Brasil, obtida a partir da opinião dos depoentes na seção Personal Case.

A edição especial de **Case Studies** trará, ainda, uma série de artigos com as maiores autoridades em gestão empresarial. E vai oferecer um CD com a reprodução de todos os cases já publicados pela revista desde que começou a circular, em 1996.

A publicação será distribuída a um *golden mailing* formado por dezenas de milhares de empresários, executivos, integrantes do Executivo e do Legislativo e importantes formadores de opinião.

RESERVE SEU ESPAÇO NESTA EDIÇÃO HISTÓRICA, UM VERDADEIRO CASE DE MANAGEMENT NO BRASIL.

Entre em contato pelo email **case.studies@insightnet.com.br**

a chácara dos sonhos

por **vera de souza**

Quem passa pela rua São Clemente 388, número hoje ocupado pela Escola Corcovado, não pode imaginar a história que guarda esse endereço. No início do século XX, o terreno era propriedade da família Lynch, que adquiriu um dos lotes da famosa "Chácara dos Lírios" – um deslumbrante sítio cercado de natureza. Segundo o historiador Carlos Eduardo Barata, ela viria a dar origem a ruas como Alfredo Chaves, Barão de São Clemente (atuais Icatu e Sarapuí), Mário de Andrade e Mário Pederneiras e o Largo dos Leões. Quem relata a saga é o cientista político Christian Lynch, que tem o DNA da história. Imperdível!

Mais do que isso, os parques e os palacetes que neles se encontravam eram considerados das mais belas obras feitas pela mão do homem no Brasil. Tanto assim que, em *Minha formação* (1900), Joaquim Nabuco afirmou: "Eu sei bem, que para não sair do Rio de Janeiro, que não há nada mais encantador à vista do que os parques da São Clemente..."

Quem nos conta um pouco da história do número 388 da rua São Clemente é o trineto dos primeiros proprietários, o jurista e cientista político Christian Edward Cyril Lynch. "A história tem início quando meu trisavô, Edward James Lynch, cruzou o Atlântico em direção ao Rio de Janeiro, em 1857. Formado em engenharia, ele viria com seus irmãos auxiliar o Barão de Mauá na construção das diversas obras imaginadas por

Imagens: Coleção particular família Lynch

"Meus tios-bisavôs resolveram construir a casa afastada da rua, pois já existia o casario que hoje ocupa a calçada oposta e que minha trisavó considerava 'botequins meio infames'"

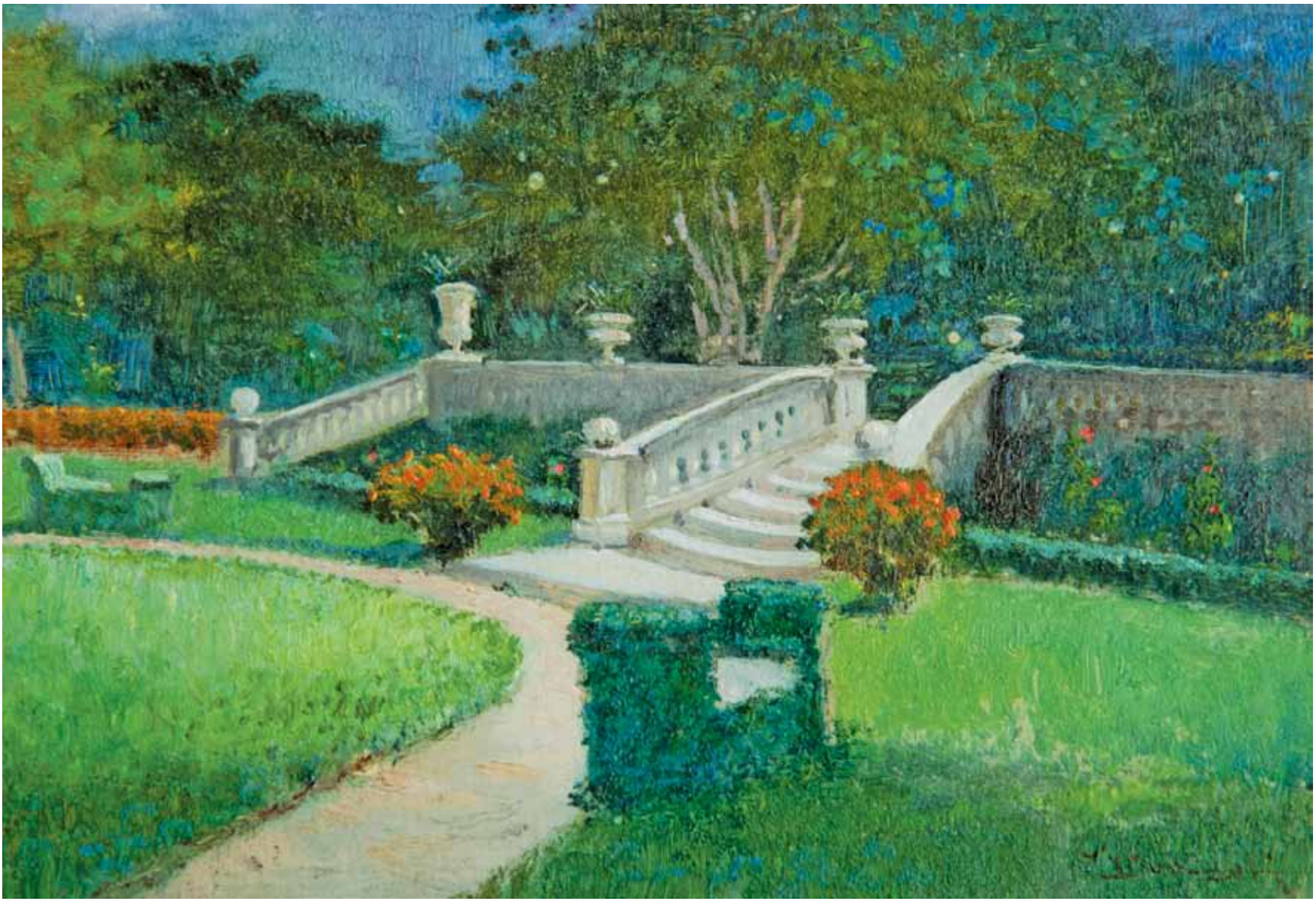
Christian Lynch

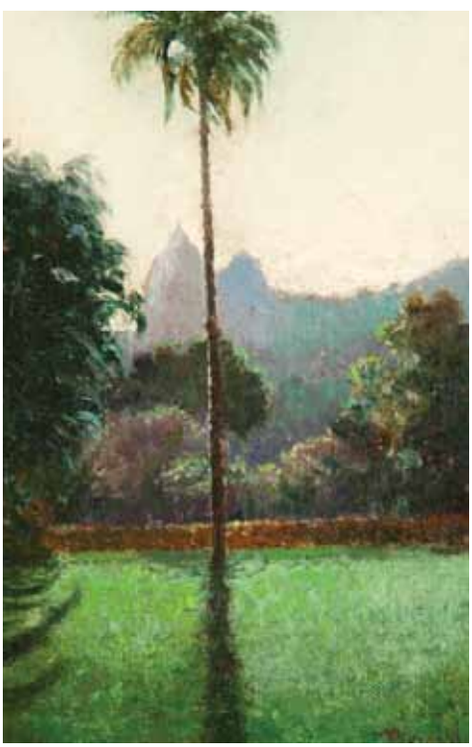
seu gênio criador, como o saneamento da Cidade Nova, com a construção do Canal do Mangue e do primeiro Gasômetro, onde hoje se acha a CEG, na avenida Presidente Vargas." Em 1868, Edward James casou-se na igreja da Candelária com uma das moças da colônia britânica, Adèle Teresa Gosling, sobrinha da condessa homônima. A atividade de Edward como engenheiro levou-o a ser mencionado por D. Pedro II em seus diários: ele era o "O Lynch, engenheiro do gás do Rio".

Dessa união nasceram três filhos: Edmund James, Henry Joseph e Cyril James. Embora nascidos no Brasil, todos os três fizeram seus estudos na Inglaterra, em bons colégios católicos. Edmund casou-se com a filha da baronesa do Bonfim, Francisca de Paula Mesquita. Cyril, por sua vez, casou-se com uma senhora de tradicional família carioca: Elisa da Silva Porto. Dos três, o único que não se casou foi o do meio, Henry, que todavia viria a tornar-se o personagem mais importante da família. Líder da colônia britânica, Henry desenvolveu acentuada atividade empresarial no ramo de exportação e foi representante dos Rothschild no Brasil, de 1919 a 1957. À época, a Casa Rothschild era a principal credora da dívida externa brasileira.

Por ter ajudado, na Primeira Guerra Mundial, um navio britânico atingido pelos alemães a abastecer no Brasil, contornando as leis de neutralidade, Henry foi agraciado pelo rei George V com o título de Cavaleiro do Império Britânico. Dada sua condição de anglo-brasileiro, foi o único nascido em nossa terra a poder se valer do título de Sir. Desta vez, era nos diários de Getulio Vargas que apareceria aquele Lynch, sempre que se via às voltas com os problemas de negociação da dívida. Henry foi fundador de várias instituições anglo-brasileiras, como o Gávea Golf Club e a Cultura Inglesa.

Em 1907, o velho Edward James faleceria em Londres. Compadecidos, os três filhos resolveram adquirir para a mãe viúva uma moradia retirada da cidade, onde a família pudesse viver. Naquele ano, compraram a chácara da São Clemente 388,





em frente à rua Real Grandeza. "Meus tios-bisavôs resolveram construir a casa afastada da rua, pois já existia o casario que hoje ocupa a calçada oposta e que minha trisavó considerava 'botequins meio infames'", conta Christian. Os belíssimos jardins da chácara, dotados de lagos com repuxos e espécies da flora brasileira, foram projetados por Cyril James, o terceiro dos irmãos, que era cônsul da Inglaterra em Três Rios e paisagista amador. Nos fundos da propriedade, numa estufa, Sir Henry cultivava orquídeas raras, algumas

das quais trazidas do alto do Dedo de Deus, em Teresópolis.

As histórias do palacete, Christian conta que passou a sua infância e mocidade ouvindo-as de suas avós e de tios-avós. Uma delas é relativa à visita do príncipe de Gales e seus irmãos ao Brasil, em 1931. "Uncle Henry OFERECEU UM BAILE PARA Suas Altezas, considerado pelo *O Globo*, na época, como a mais brilhante recepção feita à dinastia dos Windsor durante a sua visita ao Brasil. Minhas tias se envaideceram pelo resto da vida, por terem dançado com o então príncipe de Gales (depois Eduardo VII, que abdicaria para se casar com Wallis Simpson) e com o duque de York (que com a renúncia do irmão

"Eu sei bem, para não sair do Rio de Janeiro, que não há nada mais encantador à vista do que (...) os parques de São Clemente..."

Joaquim Nabuco

passaria à condição de rei da Inglaterra — o rei gago de *O Discurso do Rei*.)"

A família morou nesse endereço até 1936, quando Cyril morreu, aos 56 anos. Uma vez que a mãe, Adèle, já havia morrido há 11 anos, Sir Henry, que era o único ainda a residir na chácara, achou melhor vendê-la. Antes, porém, contratou um pintor que dela fez várias telas, além de um fotógrafo que registrou-a em detalhes. Henry fez algumas dessas fotos e entregou-as a cada um dos 12 sobrinhos. Um álbum extra foi entregue à Biblioteca Nacional, que serve de consulta para historiadores da vida privada brasileira no começo do século XX. A Casa de Ruy Barbosa, por iniciativa, também possui um exemplar desse álbum.

Assim, em 1936 a família Lynch vendeu a chácara para o governo norte-americano, que demoliu o palacete original e construiu em seu lugar um palácio muito maior, que serviria de sede de sua embaixada no Brasil. Os norte-americanos, no entanto, conservaram os jardins em estilo inglês, mas ornamentado com a exuberante vegetação brasileira, além de lagos e cisnes. Durante décadas, a família continuou a ter ligação com o endereço. A filha de Cyril, Leah, trabalhava como funcionária da embaixada. Uma das netas de Edmund, Daphne, celebrou nos jardins da antiga chácara da família a sua festa de casamento, em meados da década de 1960. O velho Sir Henry morreria em 1958 num apartamento na Praia do Flamengo.

Com a mudança da sede do Ministério das Relações Exteriores para Brasília, em 1970, a embaixada norte-americana deslocou-se para a capital federal. Mais uma vez a propriedade da São Clemente foi vendida, dessa vez para o governo alemão. Para sediar a Escola Corcovado, suas instalações foram adaptadas. Nesse processo, os lindos jardins se converteram em quadras de basquete e futebol para os estudantes. Restam ainda na aleia de entrada algumas palmeiras plantadas por Cyril, além do arco junto à antiga embaixada da Inglaterra (hoje Palácio da Cidade), e, por fim, a escadaria rosa que ainda hoje divide dois níveis do terreno, onde outrora se encontrava o jardim.

É verdade que o palacete foi destruído pelos norte-americanos, e o jardim, pelos alemães. No entanto, o amor dos irmãos Lynch pela natureza brasileira acabou imortalizado num poema composto por Dorothy Frances Gurney, uma inglesa amiga da família, afixado numa placa de bronze no jardim da chácara. Ela se encontra hoje pregada no túmulo da família, no cemitério vizinho, onde repousam Cyril e Henry. Traduzido para o português, ele é mais ou menos como se segue:

O Senhor plantou um jardim
Nos primeiros dias claros do mundo,
E pôs ali um anjo guardião
Envolto num jardim de luz.

Tão perto da paz do céu
O falcão pode descansar com a andorinha
Pois lá, no frescor do entardecer,
Deus caminhou com o primeiro dos homens.

E eu sonho que este jardim cercado
Com suas sombras e seus raios de sol
Com seus lírios e caramanchões de rosas
Foi tecido pela mão de Deus.

O beijo do sol para o perdão,
O canto dos pássaros para o regozijo -
Estamos mais perto do coração de Deus
em um jardim
Do que em qualquer outro lugar na Terra. ■

Pausa para o cafezinho

Ruy Barreto
Benemérito e ex-presidente da Associação Comercial do Rio de Janeiro

Nasci em Muriaé, Minas Gerais, uma das cidades de maior produção de café do país. Cheguei ao Rio aos 16 anos, trabalhei desenhando gibis para a editora Globo e aos 21, montei a minha primeira empresa e nunca mais deixei de trabalhar com café. O Rio, para mim, é uma das mais belas cidades do mundo e tem uma preciosidade que é a baía de Guanabara. Qualquer país que tivesse algo similar se orgulharia.

Para efeito de porto, de carga e descarga, sem sofrer com as intempéries, é perfeito. A baía foi a grande responsável pela independência do país. Entre 1700 e 1800 foi o escoadouro, através do seu porto, de ouro e diamante de Minas Gerais. A partir de 1800, tornou-se um importante exportador de café e deu condições ao Brasil de se firmar como nação desenvolvida. Aqui eram exportados 90% da produção de café, provenientes da Zona da Mata de Minas, do Rio de Janeiro e do Espírito Santo. Os outros 10% eram de São Paulo. Nosso produto era tão importante que era conhecido, internacionalmente, como Café do Rio.

Mas um equívoco esvaziou essa potência. O advento da Lei Áurea previa que tivesse fim a escravidão — o que era mais do que justo, era uma lei de caráter humanitário. No entanto, na sua primeira redação, a de 1887, os produtores deveriam ser indenizados pelos escravos que deixavam de ter. O escravo era um ativo, tanto que os bancos, em vez de terras, preferiam hipotecar um escravo. Sendo assim, como haveria uma desapropriação, estava prevista na Constituição a indenização. Era uma forma de garantir o emprego desse 1,5 milhão de pessoas, que passariam a ser assalariadas.

D. Pedro II viajou e sua filha, a princesa Izabel, assumiu. Como suas relações nunca foram boas com o primeiro-ministro, o barão de Cotegipe, ela discordava desse ponto. Além disso, foi muito influenciada por oposicionistas que achavam um absurdo o Estado pagar indenização por um ser humano. Pressionada, a princesa assinou a lei sem o pagamento da indenização. O mais cruel foi a data, 13 de maio, dia da colheita do café no Rio de Janeiro. Como os produtores não tinham como pagar salários aos ex-escravos, perderam toda a produção. Foi nesse vácuo que São Paulo assumiu a liderança, pois tinha em suas lavouras 400 mil italianos, fugidos da peste e de uma grave crise econômica em seu país. O resultado é que matou o porto, matou a grandeza do Rio de Janeiro.

Mais de 100 anos se passaram e surge uma possibilidade de fazer com que a baía de Guanabara recupere a sua grandeza, com um porto atuante. Como? Embora 4 km de estrada de ferro tenham sido liquidados, temos uma estrada de ferro, de bitola estreita, que liga Angra dos Reis a Sergipe, passando pelo sul de Minas. Em Barra Mansa há o cruzamento dessa estrada com outra, de bitola larga, ligando Rio a São Paulo. O que poderia ser feito é a construção de um trecho de desvio, e assim o escoamento seria mais barato e faria a baía recuperar o seu status de grandeza.

Cliente SulAmérica Auto já entra no shopping ganhando desconto.

Agora, cliente SulAmérica Auto tem desconto para estacionar em 33 estacionamentos da maior rede de shopping centers do Brasil, a BRMALLS. São mais de 70 mil vagas disponíveis. Aproveite mais esta grande vantagem que o Seguro Auto SulAmérica oferece para você.

Acesse sulamerica.com.br/estacionecomdesconto
e confira a lista completa dos shoppings participantes e o regulamento.

nbs

Consulte seu corretor de seguros.

SulAmérica

associada ao ING

A biometria coloca
o seu banco na palma
da sua mão.
E o Bradesco coloca mais segurança
e tecnologia em sua vida.
Fone Fácil Bradesco: 4002 0022 / 0800 570 0022
SAC – Alô Bradesco: 0800 704 8383
SAC – Deficiência Auditiva ou de Fala: 0800 722 0099
Ouvidoria: 0800 727 9933
bradesco.com.br
twitter @Bradesco
Curtir facebook.com/Bradesco
WMcCANN | BRADESCO
Bradesco
70 anos